

Piptadenia peregrina

por *Yuri V. Santos*

Naquela primeira semana de aula já haviam ocorrido dez mortes. As vítimas eram professores de dois diferentes departamentos e institutos da Universidade de Brasília. O primeiro assassinato foi o de um professor de Física, estrangulado, durante uma reunião do colegiado, pelo chefe do seu departamento. Este alegava que o tal professor não tinha uma produção acadêmica condizente com sua qualificação curricular. Chamou-o de inadimplente e, por fim, de canalha. Quando o professor, que a tudo escutava impassível, ameaçou dar outro bocejo, teve seu pescoço enlaçado pelo fio do telefone. O chefe foi impiedoso. Os outros professores nada fizeram em defesa do colega. Concordavam com o chefe. Aquela sinecura tinha que acabar.

Quando outros doze professores, dessa vez da Letras (Teoria Literária), foram vitimados num atentado à bomba, Andrade, professor de botânica e taxonomia vegetal, começou a andar armado. Ele também enfrentava problemas na relação com o colegiado do seu departamento. Os professores da letras haviam caído numa astuciosa armadilha. Receberam uma convocação falsa para uma reunião extraordinária. Inclusive o chefe do departamento fora enganado. Quando todos ainda esperavam o professor Armando Guerra para poder dar início à reunião, a bomba explodiu. Estava dentro do bolo de chocolate. Claro, todos desconfiaram do professor Armando Guerra, pois já conheciam seu inveterado desejo de ocupar a chefia do departamento, além de seu indefectível talento na cozinha: adorava fazer bolos e tortas. Mas como não puderam provar nada, ele tornou-se chefe. De si mesmo, pois agora era o único professor do departamento.

O professor Andrade, da botânica, também era chefe do seu departamento. Mas já não temia atentados à bomba. Após a chacina da Letras, um famigerado esquadrão anti-bombas da polícia vasculhava a universidade inteira, inclusive os carros

que entravam no campus, todos os dias sem exceção. Por este lado não tinha com o que se preocupar. Problema mesmo eram aqueles professores egressos do sertão nordestino, com os quais tinha divergências metodológicas. Eles haviam encomendado sua morte a dois jagunços importados do interior de Sergipe. Estes lhe estavam sempre armando tocaia. Outro problema era a Associação das Mães da Praça dos Três Poderes. Elas criaram essa associação para pressionar o governo a tomar providências no sentido de encontrar seus filhos que, durante as aulas de campo do professor Andrade, haviam desaparecido no cerrado vizinho à UnB. Os alunos temiam essas aulas. O Andrade andava rápido demais.

“Que merda, cara, cadê o Andrade?!”

“Acho que ele foi por ali.”

“Não, não... Foi por ali.”

“Meu Deus! Estamos perdidos...”

O professor Andrade não comentava nada, mas era notório que se satisfazia ao perder por aí todos aqueles alunos que pouco ou nenhum interesse dedicavam à sua disciplina. Na sala, antes de partir pro campo, dava uma longa sugada na bomba do chimarrão e observava a turma:

“Hoje é aquela loirinha quem vai dançar...”, pensava.

Mas foi numa manhã de sexta-feira, do mês de Agosto, quando se registrava uma umidade relativa do ar de 13%, que o professor Andrade se viu realmente em maus lençóis. Ao entrar na sala da chefia do seu departamento, encontrou o professor Aureliano sentado em sua mesa. Aureliano era um baixinho de bigode extremamente petulante.

“O que é que tu fazes na minha mesa?”, perguntou Andrade indignado.

“Não é mais a sua mesa não, Andrade. Agora EU tô no comando.”

Era um golpe. A primeira reação de Andrade foi levar a mão à arma, que agora sempre trazia consigo. Antes de sacá-la do coldre, porém, foi admoestado pelo professor Aureliano:

“Eu não faria isso se fosse você”, e no mesmo instante apareceram os dois jagunços, ambos armados com peixeiras e submetralhadoras Uzi. Andrade desfez o gesto. Pensou um pouco.

“Vou dar minha aula”, começou, “e se na volta eu te encontrar aqui... Ai, ai, ai, tu verás uma coisa.” Aureliano deu um sorrisinho mofador e fez sinal para que um dos jagunços abrisse a porta para o professor Andrade.

“Boa aula”, disse.

Os alunos, para poder acompanhar o professor Andrade, nunca tiveram que correr tanto como naquele dia. Ele estava fora de si.

“Ele deve ter comido uma daquelas plantas narcóticas que sempre mostra pra gente”, disse um aluno antes de desmaiar de sede, pois esquecera seu cantil em casa.

É verdade, Andrade pertencia à confraria daqueles que leram todos os livros do Carlos Castañeda. Havia feito intercâmbio nos EUA, no auge dos anos sessenta, e, certa feita, dividiu um ácido com um maluco metido a poeta que conheceu num bar de Los Angeles. Quando voltou a si, no dia seguinte, na casa do maluco, descobriu que este se chamava Jim Morrison.

Andrade, que já estava quase correndo pelo cerrado, estacou de repente. Lá estava uma *Piptadenia peregrina*, uma espécie de angico – o paricá – do qual os índios extraíam a semente para fabricar um rapé alucinógeno, que utilizavam em rituais de metempsicose. Sempre quisera mostrar essa árvore para os alunos. Mas quando olhou em volta, estava sozinho.

“Nossa!”, sussurrou, “Dessa vez, perdi todo mundo.” E no entanto, após examinar a situação mais acuradamente, descobriu horrorizado que ele é quem estava perdido. E assim ficou por quase três dias, quando percebeu que estava sendo seguido pelos jagunços. Ficou, pois, esperto e só andava com o revólver na mão. Mas não adiantou.

“Ah, rá!”, fizeram os jagunços ao surpreendê-lo, apontando as submetralhadoras pra sua cabeça.

“AH, RÁ!”, fez toda a tribo guerreira, constituída por alunos desaparecidos, ao render tanto Andrade quanto os jagunços, com seus arco & flechas e tacapes e bordunas e coquetéis molotov.

Os prisioneiros foram levados pra taba. Andrade foi amarrado na coluna central da Grande Oca. Os jagunços flanqueavam-no amarrados em estacas. Um dos alunos-

selvagens, que parecia ser o cacique, colocou uma placa sobre a cabeça de Andrade com a inscrição: INRI – Índio Não Reage Injustamente.

“Agora nós derreter seu cérebro”, disse o aluno-cacique, que, por falta de televisão, parecia esquecer o português. Tinha um tubo de bambu na mão. “Aqui dentro ter pó de semente de *Piptadenia peregrina*”, disse brandindo selvagememente o tubo. “Você lembrar, professor?”

“Se tu soprases esse rapé no meu nariz”, começou Andrade, “eu vou virar bicho. Olha lá, hem? Tu podes te arrepender...”

“Qualé, professor? Nós derreter seu cérebro.” E pro resto da tribo: “Galera, mim quer ver todos cantando”, e começaram a cantar *Lucy in the Sky with Diamonds*.

O aluno-cacique aproximou a extremidade do tubo do nariz de Andrade e assoprou. Andrade jogou a cabeça pra trás arfando. Depois começou a soltar gritos terríveis, lancinantes. Os jagunços estavam apavorados.

“Se você vai virar bicho, podia soltar a todos nós”, murmurou um deles.

Andrade não deu ouvidos: “Pai”, disse, “perdoa-lhes porque não sabem o que fazem.”

E transformou-se numa onça-pintada enorme, que, com um simples movimento do corpo, derrubou a coluna que sustentava a oca matando a todos, à exceção de si própria. Quando a Associação das Mães da Praça dos Três Poderes descobriu o ocorrido, reivindicou, junto ao governo, verba para construir um memorial no local. O memorial foi projetado por Oscar Niemeyer e se constituía de dois elementos principais: o Monumento aos Alunos Desaparecidos no Cerrado — que para ser feito precisou-se cobrir metade do cerrado com concreto — e o Auditório Dois Jagunços.

Quando a onça emergiu dos escombros da oca, serviu-se de seu faro para retornar ao Instituto Central de Ciências da UnB. Uma vez lá, atrapalhada por seu cérebro irracional, teve que devorar todos os baixinhos de bigode que encontrava, pois dentre todos, não conseguia distinguir qual era o professor Aureliano. Infelizmente, entre os cinqüenta e três baixinhos de bigode devorados, nenhum era o Aureliano. Hoje, a onça está lá

no zoológico, triste, coitada, com cara de quem perdeu a chefia do departamento.

(Extraído de *A Tragicomédia Acadêmica – Contos Imediatos do Terceiro Grau*, 1997.)

* * *

Sobre o autor:

Yuri V. Santos, nascido às quatro e quinze da matina do dia 24 de Outubro de 1971, é paulistano. Infelizmente não estudou no mesmo colégio em que estudaram próceres tais como Machado de Assis ou Guimarães Rosa, os quais, por sinal, nem paulistas eram. Mas estudou no mesmo colégio que a Ana Paula Arósio! Aliás, foi ela quem estudou no mesmo colégio que ele, posto que Yuri já era um veterano de dez anos de idade quando ela apareceu por lá. Mas tudo isto é pra dizer que, em 1975, em seu primeiro dia de aula, Yuri deu uma tremenda dentada na mão da Tia Dulce, que não cometera outro crime senão o de ser a Diretora do Jardim Escola Visconde de Sabugosa. ("Até hoje ela tem a cicatriz", ele jura.) Bom, acontece que a rebeldia do garoto para com os meios educacionais permaneceu intacta desde então. Não que ele tivesse se tornado mau aluno, coisa que nunca foi. Mas embora seu corpo sempre comparecesse às aulas, sua mente gostava mesmo era de ir longe, aos cumes, muito além dos programas incutidos pelo MEC. (Tudo culpa da biblioteca de sua família e do Atari.)

Quando Walter, seu pai, se aposentou, Yuri mudou-se com a família para Goiânia, onde, para sua adolescente surpresa, não encontrou índios, onças e tatus andando pelas ruas, mas uma cidade que infelizmente cresce ano a ano em progressão geométrica. (Ainda bem que, nos sítios e fazendas próximas, os discos voadores sejam mais comuns que as onças...) Ainda em Goiânia, com amigos locais e de São Paulo, criou o GEMBLA: *Grupo de Excursionistas e Montanhistas Bêbados Loucos e Alucinados*, com o qual viajou para diversos Parques Nacionais, praias e cavernas do Brasil. Do centro-oeste, este futuro escritor de fato - pois já era de feto - se mandou de intercâmbio estudantil não para os esteites ou canadá, ou gringuices semelhantes, senão para o - pasme - Equador. Lá morou em duas cidades: Quito e Latacunga. Nesta última, aos 17 anos, começou a publicar crônicas e contos no principal jornal da cidade, o El Día. Também ingressou num grupo andinista - alpinismo é nos Alpes, viu -, tendo escalado, entre outros, os nevados Illiniza Norte (5100m),

Rumiñahui (4850m), Corazón (4800m) e os vulcões ativos Cotopaxi (5890m), Tungurahua (5080m) e Guagua Pichincha (4910m). Estes dois últimos entraram em erupção em 1999. (Antonio Naranjo, *pai* de intercâmbio, escreveu ao Yuri: "(...) estamos sumamente preocupados por la activación de tus volcanes (...). Pero te digo que el espectáculo infernal de la erupción, los hongos que se forman luego de las explosiones, son una cosa lindísima de se mirar (...). Quisiera que tú estuvieras aquí y los vieras en persona.") Ainda no Equador, Yuri estudou espanhol e teve seu primeiro contato com os estudos filosóficos através de Bruno Gallas, o diretor italiano do Colegio Hermano Miguel, que o alertou para os perigos do panteísmo e da crença num Deus não pessoal. Também foi salvo por um terremoto que, derrubando de forma misteriosamente simbólica a pesada máquina de escrever sobre o frágil violão, tirou-lhe o destino de péssimo músico para lhe dar o de um escritor que promete.

De volta ao Brasil, como não havia faculdade de espionagem ou vampirismo - seus heróis de infância eram o 007 e o Drácula (lembra da mordida na diretora?) - Yuri resolveu que o curso de Jornalismo seria o substituto ideal... Foi o princípio de uma série de decepções. Deste curso saltou para Engenharia Civil, depois - já na Universidade de Brasília - tentou Engenharia Florestal (meros resquícios de idealismo ecológico), Letras e Artes plásticas (habilitação em Teoria, História e Crítica de Arte), sem se formar, por pura desilusão, em qualquer um deles. Concluiu apenas um curso de extensão - *Processo de criação cinematográfica* - com o "mulherengo" Nelson Pereira dos Santos, e um projeto de iniciação científica do CNPq - *Rever, reler, recriar* -, o qual tratava das releituras artísticas pelas novas tecnologias. Seu trabalho foi aprovado com louvor. "Mas meu livro é meu diploma", afirma. Apesar de haver encontrado um ou outro professor digno de respeito, após sete anos de estudos universitários e viagens candangas, Yuri purgou-se da experiência escrevendo o livro "A Tragicomédia Acadêmica - Contos Imediatos do Terceiro Grau" (1997). (Alguns dos 19 contos: O Wândolo, Memórias da Ilha do Capeta, A volta dos que não foram, Golem - o goleiro, A Vingança de Piupiu, Matando um mosquito com um tiro de canhão, Paralíticos e desintegrados, O Culturaholic, Penteu - o pentelho, Maria Eu-gênia, etc.) Daí, voltou para São Paulo onde comeu o bolo, o biscoito e o pão que o diabo amassou. ("Ainda me vingo do capeta!", ri-se.) Escreveu crônicas durante quase dois anos para a Revista *Guia da Farmácia* (mais risos), que o salvou da fome. Após completar seu "doutorado em pirações" - o mestrado foi feito no alojamento da UnB -, morando na Vila Madalena, freqüentando raves e sendo sócio de um estúdio fotográfico na Vila Olympia, o *Base 1* (com os fotógrafos Dante, Fábio Corrêa e Christian Sievers), Yuri conheceu a poeta Hilda Hilst, em 1998, com quem reside ainda hoje, fazendo as vezes de "secretário incompetente" e webmaster. Em 1999, divertiram-se paranoicamente com as ameaças de fim do mundo. Na Casa do Sol, residência da escritora, moram ainda o poeta, ex-professor de

Oxford e ex-detento da Ilha do Diabo inglesa, Bruno Tolentino ("os professores me perseguem..."), o escritor espanhol José Luís Mora Fuentes e oitenta cães. "Rola cada conversa..."

Atualmente, sem os entraves da sociedade no estúdio, Yuri prepara um roteiro – que será rodado pelo cineasta e DJ (trance) Juarez Swarup Petrillo – além de mais dois livros. "Por enquanto vai indo bem", afirma Dostoiévski.

PS.: O autor oferece seus serviços como roteirista, cronista ou semelhantes.

Para contatos: yurivs@uol.com.br

(sites do autor: www.casadosol.cjb.net e www.angelfire.com/ri/melhor)